

UNE prevê agitação em março

No ano em que se comemora o 20º aniversário do movimento estudantil de 1968, o diretor da UNE (União Nacional dos Estudantes) no Rio de Janeiro, William Alberto Campos, promete muita agitação para março. Não se trata, garante ele, de mais uma bravata de estudante, até porque o próprio dirigente reconhece que a UNE está em fase de reestruturação e distante da entidade poderosa que levou às ruas, em 68, milhares de estudantes.

O estopim da crise, agora, segundo William Campos, é a revolta individual do estudante de classe média, que não sabe como enfrentar os aumentos das mensalidades das faculdades particulares. A isso se somará a revolta dos secundaristas com o fracasso do sistema de ingresso na universidade e com as denúncias de fraude que abalaram este verão a instituição do vestibular.

— Nós estamos apostando no confronto e achamos que vamos politizar os estudantes através da revolta do aluno de classe média — diz o diretor da UNE, que é também coordenador do DCE (Diretório

Central dos Estudantes) da Universidade Santa Ursula (USU).

Na avaliação de William Campos, o governo está “fraco” e os empresários fazem o que querem. Ele cita o exemplo da própria USU, que depois de um ano de 1987 agitado por greves dos professores e boicote dos alunos ao pagamento das mensalidades, reajustou os preços em 266%. Segundo William, no 14º dia após o fim do prazo para pagamento da matrícula e da primeira mensalidade, mais da metade dos 10 mil alunos da USU continuavam sem pagar.

O diretor da UNE no Rio de Janeiro diz que está disposto a sentar à mesa com os dirigentes das entidades mantenedoras das escolas de 3º grau para negociar os índices de aumento. Por isso, mantém-se em contato com o curador de Justiça dos Consumidores, o promotor Hélio Gama, que está tentando articular uma reunião entre as partes na próxima quinta-feira para chegar a um acordo semelhante ao que foi firmado entre pais de alunos e entidades representativas dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus.

— Sentar à mesa para um acordo é prova de maturidade dos estudantes — afirma William, que continua achando o confronto em março inevitável. “É como num jogo de futebol. Tem dois times em campo e o juiz (o governo federal, que estuda a liberação dos preços) foi embora. Agora vale tudo”, compara.



UNE prevê protestos como os de abril do ano passado